

Preço da assignatura

Na cidade	Anno . . . . .	1\$200 rs.
	Semestre . . . . .	600 "
Fóra da cidade	Anno . . . . .	1\$400 rs.
	Semestre . . . . .	700 "
Numero avulso . . . . .		30 "

# JORNAL DE GUIMARÃES

Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha 40 rs.  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
No corpo do jornal . . . . . 100 "

As obras litterarias, quando o mereçam  
annunciam-se em troca de um exemplar.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão—Typographia Minerva

Orgão do Centro Nacional

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Editor

Francisco A. da Silva

Guimarães, 21 de Março de 1903

## IMPrensa VENAL

Não são necessarios profundos estudos sobre a condição geral da imprensa periodica contemporanea, para se ver que o seu caracter dominante é a total ausencia de principios norteadores, e dahi a mais escandalosa venalidade.

Por uma parte, os poderes superiores da nação, e a seu exemplo as instituições e individuos de todos os degraus da escala social, em que domina o espirito da mentira, empenham-se em falsificar a verdade, encobrendo ao mundo os vicios que os corroem, e simulando perfeições e merecimentos que podiam e deviam ter. Por outra parte, os jornalistas, faltos de escrupulos e da nobre consciencia da sua missão, estão promptos a prestar os seus serviços, se não procuram até determinadamente occasião de se offerecerem a quem melhor souber pagar as baixas mercadorias de sua invenção.

Tanto duma como da outra parte, este mal é um grave symptoma da corrupção social, e accusa que o amor da verdade deserta os espiritos onde impera o vicio. Quanto á multidão dos que lêem, imbuidos no mesmo vicio de educação, procuram na maior parte o que mais lhes satisfaz as ruins paixões, sem curarem de que seja verdade ou mentira.

E o certo é que este mal, não contente com dominar como senhor absoluto nos grandes centros da immoralidade e da civilização (cruel ironia!), se vai alastrando pelas pequenas povoações, que á sombra de seus costumes e habitos tradicionaes eram mais felizes, quando ninguém lhes falsificava a luz natural das coisas.

Em toda a parte se começa com uns ensaios innocentes a disfarçar a verdade, com bajulações aos poderosos, com prodigos gabos a quem os aceita em lugar de virtudes, e logo se passa a negar formalmente a verdade, a calumniar por odio e para agradar a quem se com-praz em taes indignidades. Começa então a procurar-se em tudo o brilho do dinheiro, cuja omnipotencia tem por pedestal o abatimento dos caracteres.

Tal é a mais funesta corrupção que póde damnar uma sociedade: a substituição dos sentimentos nobres pelas torpezas materiaes, concretizadas no dinheiro. Então a imprensa, que se arrogava os privilegios de tribunal superior, é o mais baixo de todos. A gazeta já não é a preegoira da verdade, a factora da civilização; não é a chronica dos acontecimentos, que prepara elementos para a historia que se ha de escrever no futuro: é um repositório de odios e paixões, que se vão semeando pelo mundo.

Eis mais uma prova de que é pessima a corrupção do optimo.

## AGRICULTURA

### A utilização e tratamento das borras do vinho

Succede muitas vezes que as borras do vinho não são tratadas convenientemente, para se tirar dellas o melhor resultado possivel. Os que não lhes dão os cuidados necessarios, prejudicam os proprios interesses, pois aquelle sub-producto, tem um valor, que o viti-cultor e o commerciante não devem desconhecer.

O tratamento é muito simples. As vasilhas destinadas a conter as borras, devem ser lavadas e enxugadas, como se fossem destinadas a receber vinho; em seguida, faz-se arder interiormente uma mecha sulphurada em proporção dupla da que se emprega para a trasfega dos vinhos novos. Estas vasilhas devem ficar collocadas em um sitio da adega, em que a temperatura seja regular e o mais fresca possivel, e onde não tenham que soffrer nem deslocações nem abalos. Para se completar esta instalação, ter-se-ha o cuidado de metter uma torneira em cada vasilha destinada a receber as borras. Se não se observasse esta precaução, mais tarde ter-se-hia de metter a torneira para fazer a trasfega, e o abalo produzido por esta operação turvaria de novo as borras, cuja limpidez só se obtem depois de um repouso bastante prolongado.

A medida que se opera a trasfega das borras grossas ou finas, devem ser recolhidas em uma cella, depois immediatamente lançadas nas vasilhas destinadas a recebê-las, havendo sempre o cuidado de que, neste trabalho, não falte a limpeza possivel e se evite a introdução de terra ou de outras quaesquer impurezas.

No caso de se entornar qualquer porção de borras, deve tambem haver o cuidado de as fazer desaparecer ou com agua ou por meio de uma vassoura, ou melhor ainda com um panno molhado, a fim de se evitar que mais tarde as borras caídas se acetifiquem e infeccionem as borras contidas

na vasilha. Deve-se insistir na questão de limpeza, especialmente com os operarios empregados no tratamento dos vinhos, que na maioria não têm o menor cuidado com cousas que elles julgam de somenos importancia, mas que a têm e muita.

Cheia a vasilha, deve-se batocar e, no caso de que não se possa encher no mesmo dia, far-se-ha arder uma pequena mecha, batocando-se em seguida e esperando-se assim a continuação do trabalho. Com esta precaução evitar-se-ha qualquer infecção occasionada pelo contacto do ambiente. Essa pratica será observada todas as vezes que tenham de se deitar borras para a vasilha. Ao fim de 15 a 20 dias de repouso, as impurezas estarão perfeitamente separadas do vinho, podendo-se proceder á sua extirpação.

Esta segunda parte da operação reclama grande attenção do operario que estiver encarregado della. Abrir-se-ha a torneira com cuidado, sendo de notar que, ao principio, as borras que saem formam uma massa compacta; mas, pouco a pouco o vinho abrirá passagem através daquela massa, sendo, portanto, necessario ter á mão duas celhas, a primeira para as borras e a segunda para o vinho limpido, o qual se irá deitando em uma vasilha limpa.

De modo algum, no decurso da operação, se deverá abrir largamente a torneira, pois, se tal se fizer, corre-se o risco de ver o vinho tornar-se turvo por causa da pressão proveniente da parte superior do liquido. Evita-se este inconveniente desde que se tenha o cuidado de dar á torneira uma abertura regular, adequada á importancia desta operação.

Logo que se retire da vasilha certa quantidade de vinho claro, chega um momento em que o vinho se torna mais turvo, indicio de que só resta na vasilha a borra grossa.

Póde porém succeder que o vinho turvo provenha de algum abalo soffrido pelas borras grossas, e nesse caso, antes de se fechar a torneira, será bom deixar correr durante alguns instantes aquelle vinho turvo para um cantaro, e, se a turvação persistir, então a operação póde considerar-se como terminada. Se succeder o contrario, começando de novo a sair vinho limpido, tratar-se-ha de concluir o trabalho iniciado.

Para se executar bem este trabalho, é necessario ser feito por dois operarios, um para ter cuidado na torneira e o outro para lançar na vasilha o vinho limpido.

Separado pois o vinho das borras grossas, a operação que segue é fazer passar aquellas para saccos, que são submettidos a uma prensa.

Ao principio, a pressão deve ser leve, para evitar que os saccos se rompam; depois augmentar-se-ha, á medida que se vai extrahindo o liquido dos ultimos residuos. Ao fim de 24 horas de pressão, não resta nos saccos mais que uma materia sólida, que se faz seccar ao ar e que se vende

em seguida aos fabricantes de tartaro.

Esta maneira de tratar as borras dá os melhores resultados. O vinho que se extrahе dellas é perfeitamente utilizavel e ao commerciante não lhe custará muito collocá-lo.

Da Folha.

## A arte religiosa

### Um primor de arte

"A arte é uma forma da verdade," — Padre Sortillanges. A arte reflecte as ideias, as preoccupações, os instinctos, a vida de uma epoca. A arte é uma questão da hora presente.

Ninguém, por consequencia, com mais interesse, mais cuidado, mais escrupulo, a deve tratar que o Padre.

O Padre é o homem da verdade, deve ser homem de seu tempo, deve dedicar-se, tambem, á arte, estudá-la, e procurar desenvolvê-la.

A arte religiosa estava decadente em Portugal. Dizia-se religiosa e pouco ou nada tinha de religião.

Quando appareciam as suas produções, excitavam-me sempre um sorriso de compaixão.

Os Christos, por exemplo, não tinham majestade, nem caracter, nem divindade. As Virgens pareciam nymphas, não tinham grandeza moral.

Os Santos, em posições burlescas, apresentavam um cunho de paganismo, eram, no tempo, verdadeiras irreverencias.

Devia protestar o senso religioso, o senso catholico, e o bom gosto.

E protestou. As obras de Fernandes Caldas e Albino Barbosa — estes dois distinctissimos artistas que fundiram suas almas em identidade de ideias e aspirações — não são outra coisa.

Bem hajam! Como se notava, em tudo o que apparecia, a ignorancia da historia, a ausencia do espirito mystico, o desprezo da arte, elles procuraram grande cabedal de conhecimentos, recorreram á ideia, ao sentimento, ao senso religioso, por isso chegaram ao bello.

Fernandes Caldas e Albino Barbosa não sabem o que sejam banalidades. Tudo o que produzem é "o fructo da meditação intensa que uma fina sensibilidade conduz, e que um talento seguro de si mesmo chega a fixar sem esforço," — como em 1894 do notavel artista M. Dognan-Bonveret dizia o dominicano Sortillanges.

Defronto, neste momento, um dos seus Christos — Imagem do S. Coração de Jesus, destinada a S. Christina de Malta, que mais confirma, corrobora a minha humilde opinião.

A cabeça, docemente inclinada, mostra logo que, lá dentro, ha pensamentos profundos.

Os olhos. Desta vez não fitam o ceu, mas voltam-se para a terra. Delles me dizia, ha pouco, um homem de sciencia — lamentamos não poder revelar o seu nome: — "Não têm, felizmente, brilho excessivo e dissipado, antes o mostram um tanto attenuado, e como que annuviado pela tristeza que lhes sobe do Coração, maguado pela ingratitude dos homens."

Eu ajuntarei: nelles brilha a bondade, numa serenidade superior que não é cá da terra.

"Dos labios modestamente entreabertos parece ouvir-se uma supplica e queixa docemente melancolica: a queixa de não ser amado depois de tantos excessos de amor; a supplica para que o amemos, apagando-lhe a sede ardente que tem do nosso amor."

A mão direita parece querer segurar o coração onde se agita um mundo de sentimentos. Parece querer dizer: não amareis aquelle que tanto vos amou?

O braço esquerdo faz gesto de "salvar o que estava perdido."

"A posição das mãos, o contorno dos braços, o proprio sobraçar do manto, modesto e majestoso, sem liberdades, nem caprichos academicos, correspondem, perfeitamente, á expressão do rosto bondoso."

Do rosto se irradia uma doce majestade, a bondade. Lê-se ahí a compaixão

das nossas miserias, a melancolia dum coração ardente, prompto a soffrer tudo pelos que ama e o não comprehendem.

O raio divino brilha em tudo. E' perfeito o desenho do manto. Os labores, imitando ricos bordados a oiro, são uma das muitas originalidades produzidas por Albino Barbosa.

Honra a este mestre! Exprimiu as suas concepções com uma correção admiravel, com um colorido delicadissimo, encantador.

Honra aos dois artistas! O Christo, que nos apresentaram, é o verdadeiro Christo, o Homem Deus que experimentou o soffrimento, que se sujeitou á morte; mas que a venceu. E' o Christo que nos amou generoso, paciente, cheio de mansidão.

Nesta primorosa escultura tudo falla á imaginação uma linguagem cheia de grandeza.

No seu vestido de luz, na sua pose, ainda prende os corações, encontra-se algo da fixidez das ostras, como algum disse dos Christos de Tinot.

E' uma obra profundamente sentida, e magistralmente executada.

E' uma figura unica, uma figura que fica gravada na memoria, que nunca esquece — tão forte é a impressão que deixa na alma do que a contempla.

Esta imagem, sem emphase, é uma maravilha, e exuberantemente prova o talento de seus auctores, a habilidade technica dos dois artistas, o mandito poder de suas vontades.

Parabens á *Arte christã*, no nosso paiz. Parabens aos nossos illustrados amigos.

Parabens á ex<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Almerinda Guimarães. Teve a felicidade de ficar possuindo uma obra prima. Quasi lha invejamos.

Padre Benevenuto.

## Notas e Noticias

### PELO MUNDO

#### Uma erupção submarina

As erupções volcanicas rompem a crusta terrestre numa grande multidão de logares, aonde se não vai nunca e que se ignoram.

Esta crusta rompe-se nominalmente sob a immensa extensão dos mares que cobre os dois terços da nossa bola; talvez no fundo dos oceanos é que ella é menos espessa.

O capitão dum guarda-costas russo, passando nas vizinhanças de Kamtchatka, atravessou durante duas horas na velocidade de oito nós (30 kilometros) um banco enorme de peixes mortos, pertencentes á familia dos salmonídeos.

Calcula que este banco, que representava a população duma immensa cidade de peixes destruida por um volcão submarino, cobria 65000 metros quadrados.

#### Typhoide venelida

O dr. Chantemesse descobriu um sôro contra a febre typhoide, como já aqui noticiámos.

Eis os resultados dessa salutar invenção:

Nos diversos hospitaes de Paris, com o tratamento ordinario official hydrotherapico, houve uma media de 19,3 obitos por 100. No hospital especial, onde o tratamento de Chantemesse foi exclusivamente applicado, a media foi de 4 obitos por 100. E estes 4 obitos por 100



todos se explicam por uma segunda molestia: peritonite, perfuração, oclusão. Daqui a vinte annos talvez que já se use este sôro em Portugal.

## Lecithina no leite

Dizem os sabios que o leite aquecido num recipiente directamente exposto ao fogo perde 95,20 por 100 da preciosa lecithina, cujas qualidades nutritivas revelou a chimica, e que é muito util no tratamento da tuberculose. O leite aquecido em banho-maria só perde 12 por 100 da lecithina.

## Antropophagia

O nosso seculo luminoso ainda tem cannibae. Na Nova Guiné os indigenas apertados pela fome, querendo poupar os seus compatriotas, deram-se á caça dos europeus e comeram dois.

No Congo belga os cannibae de Vablindos, na fronteira da Ugnanda, atacaram o forte Boni, commandado pelo tenente Magnée, tomaram-no e em seguida comeram o desgraçado official e os seus companheiros.

## Geophagos

Em Nova-Anvers (Congo-belga), os indigenas são muito gulosos da terra de argilla do seu paiz. Esta terra nutriente e abundante vende-se a 10 reis cada kilo; tem um cheiro agradável, contem acido silicico, oxydo de aluminio, sodio e um pouco de ferro, uma verdadeira pilula nutritiva.

Na China e Japão tambem se encontram argillas comestiveis.

## As louva-a-Deus

Vão augmentar mais os 2.000 ramos da familia das coccinellas ou *louva-a-Deus*. Reconheceu-se que esta benéfica familia é a que, apesar da sua mansidão, destróe contudo mais parasitas em nossas fructeiras em geral; protege principalmente as laranjeiras, limoeiros e cafézeiros.

As coccinellas, que são as melhores enfermeiras das arvores, vivem na Australia; aonde se vão buscar. São tantos os que as pedem para todo o mundo para proteger as colheitas, que os australianos, para satisfazerem aos pedidos, organizam a creação artificial das *louva-a-Deus*.

## NO PAIZ

### Professores de ensino livre

Foi enviada uma circular aos inspectores escolares, determinando o exacto cumprimento das disposições do regulamento de 19 de Setembro ultimo sobre a inscripção das escolas e professores de ensino particular, a qual não será valida se os interessados não apresentarem os documentos exigidos no prazo que será marcado.

### As economias do governo

Em tino administrativo não ha quem leve a palma ao governo do snr. Hintze Ribeiro. Attendendo a que o paiz, se está descontente, é por pagar pouco e por ver que os governos dão ao dinheiro dos tributos uma applicação justa de mais, o ministerio que nos govrena continúa no caminho do mais desafortunado esbanjamento. Exemplos:

Até aqui, a divisão naval de reserva era commandada pelo mais graduado dos commandantes dos navios que a compunham. E não consta que houvesse jamais difficuldades provenientes dessa economica accumulção.

Agora porem vai crear-se uma divisão naval de reserva commandada por um contra-almirante. E' certo que esta medida acarreta não pequeno augmento de despesa e pôde vir a causar outros males ainda maiores. Mas havia um amigo do governo, que tinha feito mallograr-se o anno passado a representação do exercito contra o convenio, denunciando os seus camaradas; e esse sujeito desejava uma recompensa dos seus bons serviços. Que fazer, senão elevá-lo a contra-almirante?

—Outro exemplo é este: como são poucos os officiaes encarregados de sugar directa e indirectamente o dinheiro da nação, corre nas gazetas que o novo ministro da fazenda vai praticar mais um acto de energica economia, nomeando 300 aspirantes de fazenda.

Socegue pois a nação: não ha motivo para revoltas.

## Correio Nacional

São muito importantes os melhoramentos por que ultimamente tem passado este nosso collega: melhoramentos não só na parte material (nesta parte foi uma restauração completa), mas ainda na redacção, que ficou muito mais variada, mais completa e mais interessante.

Os nossos parabens pelos melhoramentos e os nossos votos por que a boa vontade dos catholicos corresponda a taes sacrificios,

### Do Correio da Noite:

Não houve numero para funcionar a camara dos deputados. Não se poderá dizer que a maioria se mostra muito diligente no cumprimento dos seus deveres. Em tempos, não muito distantes, o snr. presidente do conselho fez saber aos seus amigos daquella casa do parlamento, que se demittiria, se o facto da falta de numero se repetisse. Já se não sabe bem quantas vezes elle se tem repetido, após o celebre *aviso-ameaça*; e o snr. Hintze Ribeiro continúa triumphante, suppondo-se apciado pelas suas maiorias. Tal qual como, após os tumultos de Coimbra, elle ainda teima em afirmar que possui a confiança do paiz. Está-se mesmo a ver que lhe não falta nenhum elemento constitucional para viver...

### Do mesmo:

Numas comarcas, o snr. Campos Henriques desrespeitou as propostas dos juizes para a nomeação de substitutos, outras accceitou nomes de individuos facciosos e analphabetos, e em todas deixou de ser ministro da *justiça*, para ser regenerador legitimo. E parece que não quebra um prato!

## EM GUIMARÃES

### Circulo Catholico

Cumpriram-se á risca todos os numeros do programma das festas do Circulo Catholico annunciadas para o dia 19.

De manhã houve communhão geral, na igreja do Seminario. Em seguida bouve exposiçào, Missa cantada pelo Ex.<sup>mo</sup> Vice-Reitor e sermão. A todos estes actos assistiu numerosa assembleia.

A' noite, pelas 7 horas, realizou-se a sessão solemne, a que presidiu o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro Manuel de Albuquerque, dignissimo

Dom Prior da Insigne e Real Collegiada. S. Ex.<sup>a</sup> pronunciou por espaço de quasi uma hora um discurso brilhantissimo sobre a *união dos catholicos para a realização de empresas importantes, que tenham por fim melhorar o presente estado social*.

Demonstrou a necessidade desta união, descrevendo o estado moral da sociedade e a tendencia desta para proscrever o reinado social de Jesus Christo. Ponderou que era, na verdade, esplendorosa a civilização moderna, mas que lhe faltava uma base firme: faltava-lhe a moralidade dos costumes e os ensinios de Jesus Christo. Foi um discurso primorosissimo, tanto pela vernaculidade e elegancia da phrase, como pela logica dos raciocinios.

Fallou em seguida o muito digno presidente da direcção do Circulo, que tomou para thema da sua bella allocução a *acção social catholica*.

Referiu-se á glorificação do trabalho pela Igreja, á vida do operario, e demonstrou qual deveria ser, segundo as modernas doutrinas dos sociologos catholicos, a forma da remuneração do trabalho. Felicitou os operarios presentes, desejando sinceramente que todos os seus collegas os imitassem na pureza de ideias e nobreza de sentimentos.

Recitou, por ultimo, uma bellissima poesia o Snr. Serafim Rodrigues, distincto actor-amador do Grupo Dramatico Gil Vicente, anexo ao Circulo. A tuna do Circulo executou, durante os intervallos, lindos trechos, sob a regencia do habil professor Jacintho Antunes Guimarães.

### Bombeiros Voluntarios

Como fôra annunciado, realizou-se na quinta-feira a festiva commemoração do 26.<sup>o</sup> anniversario do estabelecimento da Associação dos Bombeiros Voluntarios.

De manhã, uma banda de musica percorreu as ruas, annunciando a festa do dia; ás 11 horas houve a Missa no templo de S. Francisco; em seguida houve um exercicio geral no predio do snr. Domingos José de Sousa Junior.

Tudo correu muito bem. Dava gosto ver a perfeição e agilidade com que a numerosa corporação executava os varios trabalhos. Houve exercicios que, apesar de difficéis, foram feitos com tal presteza e habilidade, que mereceram a admiração dos numerosos espectadores; entre elles, é digna de especial menção a arvoregem de escadas ao quarto andar, que foi executada em 40 segundos!

Ao voltar para a estação o vistoso cortejo, foi lançada uma girandola de foguetes. Na estação o digno primeiro commandante, snr. Simão Costa, felicitou em breves mas sentidas palavras os membros da briosa corporação. Associamos a essas felicitações, que são merecidissimas.

### Inspeção de reservas

No dia 19 de abril têm de comparecer á revista annual os reservistas das seguintes freguezias deste concelho:

Azurei, Balazar, Barco, Briteiros (Santo Estevão), Briteiros (Santa Leocadia), Briteiros (S. Salvador), Abbação (S. Christovão), Abbação (S. Thomé), Airão (Santa Maria), Airão (S. João Baptista), Aldão, Athães, Brito, Caldellas, Calvos, Candedo (S. Martinho), Candedo (Sant'Iago), Conde, Corvite, Costa, Creixomil, Arosa, Castellões e Donim.

No dia 26 do mesmo mês devem comparecer os das freguezias seguintes:

Lobeira, Infias, Infante, S. Sebastião de Guimarães, S. Paio de Guimarães, Santa Maria de Oliveira de Guimarães, Guardizella, Gondomar, Gondar, Gonça, Gominhões, Gemeos, Gandarella, Figueiredo, Fermentões, Caldas de Vizella (S. Miguel) e Caldas de Vizella (S. João Baptista).

No dia 3 de maio os das seguintes freguezias:

Leitões, Longos, Lordello, Mascotellos, Matamá, Mesão-Frio, Moreira de Conegos, Nespereira, Oloiros, Paraiso, Pencello, Pentieiros, Pinheiro, Polvoreira, Ponte, Prazins (Santa Euphemia), Prazins (Santo Thyrso), Rendufe, Ronfe, Sande (S. Clemente), Sande (S. Lourenço), Sande (S. Martinho) e Sande (Villa Nova).

Finalmente no dia 10 de maio os das freguezias que seguem:

Selho (S. Christovão), Selho (S. Jorge), Selho (S. Lourenço) Serzedello, Serzedo, Silveiras, Souto (Santa Maria), Souto (S. Salvador) Taboadello, Tagilde, S. Torquato, Urgez, Vermil, Vizella (S. Faustino) Vizella (S. Paio).

### Sociedade Martins Sarmiento

Em assembleia geral realizada na segunda-feira ultima fez-se a eleição da nova direcção da Sociedade Martins Sarmiento.

Ficaram eleitos os seguintes snrs.:

*Effectivos*:—P.<sup>o</sup> Antonio Hermano Menues de Carvalho, Eduardo Manoel de Almeida, Francisco Jacome; Dr. Gaspar de Abreu de Lima, Abbadé João Gomes de Oliveira Guimarães, José Pinheiro e Tenente Rodrigo Augusto de Sousa Queiroz.

*Substitutos*:—Dr. Domingos de Sousa Junior, João Antonio de Gouveia Moreira Guimarães, João Gualdino Pereira, Dr. Joaquim José de Meira, Manuel Martins Barbosa de Oliveira, Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães e Simão Eduardo Alves Neves.

### Collação

No dia 18 foi conferida pelo Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás a instituição canonica ao nosso amigo Rev. Dr. Aarão Pereira da Silva, que ha tempos foi apresentado no lugar de Beneficiado da nossa Insigne e Real Collegiada.

Novamente felicitamos o nosso amigo.

### Protestantismo

Causou grande escandalo nesta cidade o atrevimento com que se distribuiram uns convites impressos para uma conferencia protestante que se realizou na segunda-feira. A conferencia foi publica. Por isso tanto a distribuição dos convites, como a conferencia violaram as leis da nação e deviam ter a recompensa que lhes marca o codigo penal.

Não queira Deus que estas liberdades continuem a insultar as crenças desta cidade; pois, além do mal directo que causam, é muito de recear que algum dia sejam principio de graves motins.

Muito mais quizeramos dizer sobre o assumpto, se o espaço no-lo permittisse.

### Associação dos Operarios

#### Curtidores e Surradores

Esta Associação de Classe celebra no proximo dia 25, ás 11 horas e meia da manhã, uma festa para commemorar o terceiro anniversario da sua fundação e inau-

gurar um quadro dos seus fundadores.

Haverá de manhã uma salva de tiros e tocará a banda União Vimarãense; ás 10 horas e meia, Missa em S. Francisco pelas almas dos socios fallecidos; ás 11 e meia, sessão solemne; de tarde, musica executada pela mesma banda, etc.

Agradecemos o convite que nos foi feito para assistirmos á sessão solemne.

## Preço dos cereaes

No mercado de hoje, venderam-se nesta cidade os cereaes pelos preços seguintes:

Milho branco .....	630
» amarello .....	600
Feijão rajado .....	800
» branco .....	1:000
» amarello .....	850
» vermelho .....	1:200
» frade .....	1:000
Paíço .....	580
Milho alvo .....	740
Centeio .....	700

## «... At ille murem peperit»

Ha quinze dias que o *Independente* prometteu finalmente aos seus leitores que ia publicar uma longa resposta ás nossas accusações. Já dias antes não fallavam noutra coisa os illustres bachareis: mas principalmente durante a semana que precedeu o glorioso parto, todos os encontros eram poucos para se annunciar o proximo apparecimento do portentoso phenomeno.

E' já publico que os doutores, que principiaram a questão, reconhecendo a sua incompetencia para tratar do assumpto, tiveram de bater a outras portas, para ver se algum lhes acudia. E tiveram a ventura de achar um cyreneu, que de tal maneira lhes encheu as medidas, que desde logo começaram a rever-se jubilosos na futura obra.

Correu fama de que a resposta do *Independente* era esmagadora; que não deixava pedra sobre pedra no edificio das nossas criticas. Era grande pois a ansiedade que todos tinham de ver com seus olhos, de julgar com seu juizo a estupenda maravilha. Ninguém suppunha que tão conspicuos personagens pretendessem enganar o mundo, ou não soubessem avaliar o merecimento da obra que encomendaram. *Eratque in terris maxima expectatio.*

Pareciam annos os minutos que precederam o ultimo domingo: nunca houve semana tão longa. Chega finalmente o suspirado dia: todos olham uns para outros, interrogando-se avidos, apaixonados, freneticos—«Já leste o *Independente*? Que é do *Independente*?»

Estavam as coisas nestes termos, quando apparece o *Independente*. Mãos a elle! E' logo na primeira pagina; mas «trasborda com impetos de torrente da primeira para a segunda», e ainda da segunda para a terceira. Maul dizem alguns: isto revela falta de siso. Pois os homens queixam-se de o adversario ser muito extenso nas suas accusações, e só duma vez gastam mais terreno do que elle gastou até aqui!

Não precisamos de dizer que tambem estavam com curiosidade. E por isso, logo que tive-mos ensejo, lemos o *Independente*: custou-nos levar a leituta ao fim; e de muitos leitores sabemos que não tiveram paciencia para tanto. No fim, ao lembrar-nos do que a propria redacção espalhará pela cidade, das grandes coisas que promettera, da expectação que



semeara, para afinal dar aquillo, occurreram-nos as palavras do fabulista: *at ille murem peperit!*

O cyreneu do *Independente*, tão bem educado e tão conhecedor do assumpto como os seus clientes, excede-os todavia no descaramento, com que pretende fazer passar os seus leitores por uma corja de estúpidos, capazes de se deixarem embaixar pela grossaria dos seus sophismas. Simão de Cyrena ajudou a levar a cruz, mas não foi pregado nella: o mesmo não acontece aqui; o cyreneu a si mesmo se crucificou.

No que vamos escrever, umas vezes nos dirigiremos ao cyreneu, porque é elle (com o seu canonico-grammatico-monitor) o auctor da peça; outras, aos conspícuos doutores, que tiveram o impudor de publicar a dita resposta, como se fosse escripta por quem principiou a questão, perfilhando por isso quanto nella se contem.

## I

*Insultos ao rev. Abbade de Tagilde.*—O *Independente*, apesar das suas bajuladoras apparencias de muito respeito, parece ter tido como um dos principaes intuitos do seu longo aranzel retribuir com insultos ao rev. Abbade de Tagilde a confiança do communicado, que o hypocrita disse que publicava «com a maior satisfação». Vamos a alguns desses insultos: mas temos gosto em previamente declarar que repellimos indignados as insolentes injustiças com que o *Independente* ultraja o nosso bom amigo. Todos sabem que o rev. Abbade é um dos padres mais intelligentes e illustrados deste concelho.

Diz o *Independente* que o redactor do *Jornal de Guimarães* é dotado de «mediana intelligencia»; que bastava essa mediana intelligencia para «tão bem como elle (*Independente*) conhecer a resposta» que se devia dar á nossa critica: por isso o responder-nos seria «pleonasma a descambar em tolice». — «Surge porém o sr. Abbade de Tagilde»; «é para o sr. Abbade de Tagilde toda a demonstração... são para s. rev.», que por todos os titulos as merece, as explicações... — «O *Jornal de Guimarães* não precisa dellas... porque de sobra as conhece». — «Apparece o communicado do sr. Abbade de Tagilde e nós (falla o *Independente*) sentimos grande necessidade de explicar ao nosso querido amigo...»

Consequencia irrecusavel: — o rev. Abbade tem uma intelligencia, que fica tanto abaixo de mediana, que é uma grande necessidade fazer-lhe uma demonstração e dar-lhe explicações, que para um homem medianamente intelligente seriam uma superfluidade tola. E essa demonstração e explicações, que só a um sujeito inteiramente desintelligente se podem fazer, «merece-as o sr. Abbade por todos os titulos!» E' forte de mais!

E, se o cyreneu não quis dizer isto, então mostra ter uma cabeça absolutamente vazia de tino: é um inconsciente, que vomita palavras mais ou menos sonoras, com intuitos mais ou menos ridiculos, mas não sabe o que diz.

*Continua o cyreneu a fallar a verdade, a insultar o sr. Abbade e a metter os pés pelas mãos.*—O sr. Abbade de Tagilde veiu coram populo declarar que mudamente, no interior do seu coração, tinha abominado e reprovado, baixando a cabeça constricta (este «c» mostra que o cyreneu segue a escola orthographica dos

bachareis, que escrevem sachristão com «h»), os erros e heresias... — Os leitores percebem? O rev. Abbade, na occasião da conferencia, tinha a cabeça, e por concomitancia o pescoço, «dentro do seu coração»: porque mostrou a sua reprovação das phrases que lhe pareceram suspeitas, não só deixando de applaudir o orador, mas «baixando a cabeça constricta». Ora, segundo o cyreneu do *Independente*, o desgraçado do sr. Abbade não passou do «interior do seu coração»; logo, etc.

*Outro insulto ao rev. Abbade e demais ecclesiasticos que assistiram á conferencia.*—«O proprio sr. Abbade de Tagilde baixando a cabeça não perturbára o geral mutismo que nos impressionou.» — Ora aqui temos o *Independente* transformado em censor dos «ecclesiasticos respeitabilissimos» que ouviram o discurso; aqui está elle a declarar mui categoricamente, apesar do seu completo desprezo das crencas catholicas, que já então o impressionou o geral mutismo dos ditos ecclesiasticos. Ora é claro que não viria dizer que o impressionou aquelle mutismo, se não julgasse que o procedimento delles devia ser outro. E daqui se vê quanto foi velhaco o *Independente*, quando appellou para o testemunho dos ecclesiasticos que «applaudiram e felicitaram o orador»: queria obrigá-los a desmentirem os seus applausos e felicitações, ou a confirmarem o errado procedimento, que ao *Independente* já então causou reparo. Tudo isto abona a opinião de que todos os alludidos ecclesiasticos deviam imitar o louvavel exemplo do rev. Abbade, para quebrarem os dentes á calunnia, que os irmana com os impios mais descarados.

*Outro insulto aos mesmos.*—Depois allega o cyreneu o texto dum moralista para provar que o rev. Abbade, e portanto os outros collegas, estavam obrigados a denunciar o orador e o proprio *Independente* ao Prelado diocesano. Daqui queria certamente o manhoso, apesar da absolvição que logo dá aos que elle mesmo argue, que os leitores ficassem fazendo dos «ecclesiasticos respeitabilissimos» o conceito de que elles desprezam as leis da Igreja, como qualquer insultador da Religião e do clero.

*Insulto aos leitores.* Jogo descoberto.—«... o publico não precisa dellas (das explicações que o *Independente* julga necessarias para fazer entrar alguma luz na intelligencia do rev. Abbade de Tagilde);... porque jamais algum conseguiu convencer o publico.» Como vêem, o *Independente* passa a todos os seus leitores o diploma de tão fundamentalmente estúpidos, que nem as lições preparadas para um homem de intelligencia muito menos que mediana (segundo as injustissimas affirmações do *Independente*) lhes podem aproveitar. Agradeçam-lhe a gentileza.—Mas, por outro lado, se o *Independente* entende que as doutrinas da imprensa não produzem nenhum effeito no animo dos leitores, qual o fim com que anda a prégar ás turbas? Bem percebemos: o nosso collega toma a missão da imprensa apenas como empresa lucrativa. E ahí é que está a explicação do seti Catholicismo: mostra-se catholico por entender que os assignantes aliás não concorrem com os milhos. Mas ainda assim é imprudente; não devia descobrir tanto o seu

jogo. Ficamos todavia sabendo, não só pelas provas que aliás temos, mas pela confissão do proprio *Independente*, que as suas doutrinas não são sinceras nunca: obedecem ao intuito do dinheiro. O que aliás não impede que os seus erros façam mal: sendo que a sua doutrina a respeito da capacidade dos leitores e da efficacia da propaganda feita pela imprensa é muito contraria á verdade.

Revela o modo de pensar do nosso collega, nada mais.

O *Independente*, que ha tempos se scandalizou tanto por termos publicado a critica ao discurso só «mez e meio e alguns dias» depois delle pronunciado, diz-nos agora que aquelle espaço só foi de quarenta e tres dias, e que quem assim procedeu não fez mais do que conformar-se com um conselho da Sagrada Escripura.—Depois confessa que os bachareis commetteram «exageros» nos insultos que nos dirigiram. Nestas coisas tem razão; e dá uma severa lição aos bachareis; mas parece recebê-la delles, quando escreve no mesmo § «estranheza» com «s».

*Revelação importantissima.*—«Quasi todos, diz o *Independente*, temos nervos que um choque... faz vibrar... Quem não possui nervos excitaveis não é homem, não chega a ser um animal...» —Quaes serão então os sujeitos abrangidos naquelle «todos»? Só homens não podem ser, nem sequer animaes, porque então o escriptor não devia dizer «quasi todos», sendo que afirma que todos os homens e animaes tem nervos excitaveis? Será caso que na conspícuo redacção haja séres, que nem animaes sejam? Cremos que não pôde haver duvida: por mais extraordinario que isto pareça, são os mesmos redactores os que o declaram, e não ha ninguem mais insuspeito, nem que melhor deva conhecer o que por lá vai.

Agora dizemos nós aos leitores que as sombras se vão dissipando. Alli certamente, naquella importante revelação do nosso collega, é que se ha de ir buscar a explicação de tantas coisas, que eram inexplicaveis na hypothese de todos os redactores do *Independente* serem homens. Apesar de todos os motivos que o nosso collega nos tem dado para suspeitarmos de que na sua redacção havia qualquer coisa de extraordinario, confessamos que nos não atreviamos a negar aos redactores a qualidade de homens, e muito menos a de animaes.

Mas agora esperamos que o *Independente* seja generoso e nos acabe de explicar o mysterio: de que natureza será o tal agente, que coopera com os illustres bachareis, e que é, pelo que parece, quem dá as cartas na redacção? Aqui, o espanto em que nos deixa esta revelação não nos permite que apontemos mais um gallicismo, que o monitor do cyreneu deixou passar na palavra «choque», que naquelle sentido não é portuguesia.

Estes são os pontos que nos parecem mais dignos de nota no prologo do *Independente*. Não temos tempo nem espaço para descer a mais miudas particularidades. Advertimos tambem que não fazemos capitulo especial dos erros de linguagem, que montam a uma continha calada, que nos levaria longe. E se de passagem apontamos algum, é para desfa-

zer uma basofia que adiante se verá.

Parece-nos que, depois de tão insuspeitas declarações do *Independente*, depois de tantas provas de incompetencia e falta de tino, bem legitimamente nos podiamos escusar de passar além. Todavia percorramos levemente os erros e baboseiras principaes contidas no que o nosso collega considerou a refutação propriamente dita.

## II

«Neste primeiro ataque ha duas partes a considerar a carta... e o prologo...» — Não ha, não, senhores: o que ha nestas poucas palavras é um enorme erro de linguagem, a que os estudantes de portuguez dão o nome de gallicismo: «ha a considerar» é grosseiro demais. «... a carta» é mentira, porque no caso não entrou carta alguma. Quanto ao prologo, «neste quasi nada ha a notar...»: o que ha é outro gallicismo como o de cima. «Accusações vagas, mal definidas, onde apenas se destaca a de nephelibatismo...» A que proposito virão as tropas para a nossa questão? Se se não falla de tropas, o verbo destacar é francesismo tolo. Mas como é que o monitor os deixou passar assim enfiados uns nos outros?

1.º—Dissera o Dr. Augusto: «A natureza é a unica Biblia verdadeira». Como se justifica o *Independente* de ter perfilhado e continuar a professar esta heresia?

1.º Dizendo que alli «não ha erro de exegese». Se falla do erro directo, concedemos; aliás negamos. Porque, se «a natureza é a unica Biblia verdadeira» aquella que os catholicos chamam Biblia Sagrada, não é o que ella mesma diz e a tradição confirma e a Igreja define. Mas, ainda que alli não houvesse erro de exegese, deixaria de haver heresia? — «*Si quis Sacra Scriptura libros integros... pro sacris et canonicis non susceperit... anathema sit*» (Conc. Vat. De Revelat. can. IV).

2.º Porque «dizer—*a natureza é a unica Biblia verdadeira*—podia ser, quando muito, heresia formal, se para isso não fosse preciso haver pertinacia». Isto di-lo o *Independente* e tem razão. Mas então dizemos-lhe mais uma vez que commetteu heresia, porque, segundo a doutrina da Igreja catholica, a pertinacia não consiste em o hereje defender o erro com fortes argumentos (então nunca os do *Independente* podiam cair em heresia), mas em o querer professar, depois que a verdade contraria está sufficientemente declarada pela Igreja. Ora a auctoridade da Biblia Sagrada foi definida pela Igreja: logo o *Independente* incorreu em heresia.

3.º Porque «... ainda assim nada prova que houve heresia no caso presente, visto como nada prova ter existido esse proposito de negar verdades da Fé Catholica, ou afirmar doutrinas que lhe sejam contrarias». Nada prova?! Que conceito quer á fina força esta gente, que nós façamos do seu estado mental? Então elogiavam incondicionalmente e publicam a conferencia, que contém as heresias; mostra-se-lhes que existem lá effectivamente as heresias, e elles continuam a elogiar a conferencia; são accusados de perfilhar as impias doutrinas lá contidas, e perseveram ainda nos seus elogios: e nada prova que tivessem o proposito

de fazer taes affirmações? Então, se os do *Independente* tivessem tal proposito, como haviam de o manifestar?

Todavia, como para esta censura é preciso que o sujeito seja *ratiomis capax*...

4.º Porque (pasmem os leitores) «dizer—*a natureza é a unica Biblia verdadeira*—é apenas repetir um verso de Junqueiro:

..... O' natureza  
A unica Biblia verdadeira és tu!

que o conferente aliena de si acrescentando cautelosamente: «diz um poeta, na linguagem de verdade que só o coração dos poetas entende». Este é o argumento do *Independente*. De forma que, para nos justificarmos de qualquer erro contra a Fé, basta que um impio ou hereje qualquer o tenha affirmado! E, por outro lado, como é que o conferente aliena de si o erro, se o cita, affirmando que o poeta o diz «na linguagem da verdade»? E' evidente que o orador o approva e perfilha, como por sua vez o approva e perfilha o *Independente*. Mas note-se em tudo isto a perspicacia do nosso collega, que cita aquellas palavras em sua defesa!

Se porém os nossos leitores querem ver prova mais directa do Catholicismo do *Independente*, leiam o que elle diz em seguida: «... quer-nos parecer que a cousa significa, que no estudo e contemplação da natureza se colhem ensinamentos tão efficazes, tão puros, tão nobres, tão levantados, como os da propria Biblia...» Além da grosseira confusão que se pretende estabelecer entre estas affirmações e a heretica proposição do orador, com a qual se parece tanto como um ovo com um espeto, devemos notar que o *Independente* tem tal respeito á Biblia, que a põe a par dos conhecimentos naturaes.

Pois, segundo a doutrina da Igreja, entre as duas coisas ha apenas a differença que vai dos productos da razão fallivel á auctoridade divina; e é um grande erro rebaixar, como o *Independente* faz, a Fé divina á plana dos conhecimentos humanos. E note o nosso collega, ou antes notem os nossos leitores (pois ao collega não vale a pena fallar-lhe nestas coisas) que o *Independente*, nesta manhosa explicação das abominaveis palavras do orador, incorreu noutra excommuñão, fulminada pelo Concilio do Vaticano: «*Si quis dixerit fidem divinam a naturali de Deo et rebus moralibus scientia non distingui... anathema sit*».

E' bem certo que *abyssus abyssum invocat*.

2.º—Dissera o orador: «*Foi da contemplação da natureza que saiu a mais nobre philosophia que tem inspirado espiritos humanos: o Budhismo*». Como justifica o *Independente* esta proposição tola, com que o orador tão claramente mostra o seu desprezo de tudo quanto é catholico, e que o *Independente* se apressou em perfilhar?—Reparem os nossos leitores: «Dizer que o Budhismo, diz o *Independente*, é a melhor philosophia não é dizer que seja a melhor religião». Pois é certo, collega; nem o nosso reparo fez tão estúpida confusão. Só estranhámos ao collega que, querendo-se inculcar catholico, para não alienar os cobres dos seus assignantes catholicos, viesse preferir o Budhismo á sublime philosophia christá. Só o dizer que o Budhismo é a mais nobre philosophia já é solemne disparate, e quem tal afirma ou não sabe o que é o Budhismo,



ou não tem conhecimento da sua philosophia.

3.º—Dissera o orador: «Christo entendia a voz das coisas e foi na contemplação da vida que se fez Deus». Esta impiissima proposição do celebre orador, louvada e perfilhada pelo *Independente*, quer dizer claramente que Christo adquiriu a divindade como qualquer homem adquire, por exemplo, o conhecimento das coisas. É uma proposição comparavel a qualquer destas:—na longa, experiencia dos negocios publicos é que fulano se fez bom politico; na larga e diligente pratica do ensino é que fulano se fez bom mestre, etc. Aquillo que se faz, antes de feito não era o que fica sendo depois. Quem se fez bom politico na longa experiencia dos negocios publicos, não o era antes dessa experiencia; do mesmo modo se Christo se fez Deus na contemplação da vida, não era Deus antes dessa contemplação; logo, a divindade de Christo, como dizia o nosso leitor, teve principio; mas o que tem principio não é eterno; o que não é eterno, não é Deus; logo, se Christo se fez Deus, não é Deus.

Querem ver como o *Independente* responde a este irrespondivel argumento?—1.º «Dizer que Christo se fez Deus na contemplação da vida é afirmar que onde Christo logo manifestou a divindade de sua pessoa e doutrina foi no modo como mostrou conhecer, bem no intimo, a vida; onde o Christo se fez Deus, isto é, se manifestou realmente Deus para aquelles que o cercavam, foi no suavisar das agruras da vida e no desculpar das fraquezas humanas». Parece-lhes que esta argucia precisa de refutação? Então fazer-se é manifestar-se? Até o mesmo orador, cujas impias ideias se revelam bem nas demais proposições criticadas, repelliria enojado tão estolida interpretação das suas palavras, com a qual pretendem mostrar que elle não sabia o que dizia.

2.º Aquelle argumento do nosso leitor, que é um verdadeiro sorites, no rigor da logica, chama o *Independente* um joguinho curioso, a que bem cabia o nome de *vermelhinha do espirito*. (Em parentese: esta phrase traz-nos á lembrança... mas basta). Em seguida apresenta um grosseiro paralogismo para mostrar que, assim como a sua illação é falsa, tambem ha de ser falsa aquelle sorites! O coitado já ouviu fallar no argumento *ad hominem*, mas não sabe usar delle, nem, ainda que soubesse, aproveitaria nada no caso sujeito. Emprazamos o *Independente* a que seja leal: para annullar a força irresistivel d'aquelle argumento, accommetta-o, mostrando aos leitores que tem defeito e não prova; ou então funde o seu argumento nos mesmos principios, deduzo-o logicamente, e se chegar a consequencias absurdas, nos dar-lhe-hemos razão. Antes disso, não illudirá ninguem com as suas fanfarrônicas, que não chegam sequer a merecer o titulo de *vermelhinha do espirito*. Fica pois de pé a accusação do nosso leitor. O *Independente* pois, seguindo a doutrina do Dr. Castro, negou o dogma divindade de Christo: «*genitum, non factum*», diz o symbolo nyceno-constantinopolitano; *Filius (Dei) a Patre solo est: non factus, nec creatus, sed genitus*», diz o symbolo de S. Athanasio.

4.º—Dissera o conferente: «Nós —a nossa vida é apenas um dia, momento transitorio na vida da Humanidade, e a Humanidade é tambem um dia, que depressa corre e foge, na Vida eterna d'onde

todos saímos, em que todos nos confundimos e a que todos regressamos afinal.» O nosso leitor chamou a isto mal disfarçado pantheismo, e escreveu: «Para nos confundirmos todos na Vida eterna, é necessario que não haja differença entre bom e mau, entre virtude e vicio, entre merito e demerito, entre heroes e traidores, entre... Christo e Belial.»

«Respondemos» (diz o *Independente*):

«Affirmar que a nossa vida é um dia na vida da humanidade e que a humanidade é um dia na Vida eterna donde todos saímos, onde todos nos confundimos e aonde todos regressaremos, é affirmar uma verdade scientifica que conhecem os alumnos e melhor os professores do mais sertanejo lyceu; é affirmar uma verdade que vem nos compendios e não vem no Syllabus, a lei da conservação da materia, que já data de Lavoisier, e nada tem com merito e demerito, premio e castigo, bons e maus.»

Ora aqui está outra vez bem claro o Catholicismo do *Independente*. Como se vê, o nosso collega affirma: 1.º que ha uma Vida eterna, que é um como deposito ou reservatorio, donde sai cada um de nós; 2.º que, assim como de lá saímos, para sermos como agora somos, para lá voltaremos, para sermos como eternamente fomos; 3.º que esta evolução não é mais do que um caso da lei da conservação da materia. Daqui infere-se logicamente: 1.º que nós somos como emanações duma substancia eterna; 2.º que essa substancia eterna está sujeita a modificações; 3.º que essa substancia é material; 4.º que o nosso destino é voltarmos á materia donde saímos.

Mas isto é negar a existencia dum Deus distincto do mundo; é negar a criação; é negar a providencia; é negar a existencia da alma; é negar a liberdade; é negar o merito e demerito; é, numa palavra, destruir todas as bases, não diremos só da Religião, mas ainda de todas as relações sociais.

Pois diz o *Independente* que, quando isto affirma, affirma verdades scientificas: e nós diriamos que sim, se não houvesse melhores sabios do que os chapadissimos ignorantes, que redigem o *Independente*. E atreve-se o miserero cyreneu a dizer que semelhante doutrina não vem condemnada no Syllabus! Ainda que lá não viesse, nem por isso se podia dizer que não estava condemnada pela Igreja e pela philosophia. Mas é bem certo que a ignorancia é atrevida: tanto aquella doutrina não vem no Syllabus, que se lê logo no principio d'elle: «*Nullum supremum, sapientissimum providentissimumque Numen existit ab hac rerum universitate distinctum, et Deus idem est ac rerum natura et idcirco immutabilibus obnoxius, Deusque reapse fit in homine et mundo, atque omnia Deus sunt et ipsissimam Dei habent substantiam; ac una eademque res est Deus cum mundo, et proinde spiritus cum materia, necessitas cum libertate, verum cum falso, bonum cum malo, et justum cum injusto.*»

Ora esta doutrina foi condemnada na alloc. *Maxima quidem* de 9 de junho de 1862.

Aqui têm pois os leitores a linda prenda que os catholicos sustentam com o seu dinheiro: um hypocrita, que, professando as mais impias e absurdas doutrinas e não se envergonhando de as apresentar aos seus leitores, como se foram verdades scientificas, ainda pretende passar por catholico!

5.º—Dissera o orador: «*Cos-teamos continentes, abor damos ilhas, descobrimos paizes... Descobrimos, mas nunca colonisamos.*» —O nosso leitor retorquiu: «Se os portuguezes não colonizaram nunca, segue-se que são sonhos a existencia de colónias portuguezas.»

A isto responde o *Independente*, citando um largo trecho de Oliveira Martins, que não prova nada para o caso, e outro do Dr. Marnoco e Sousa, onde se diz que os portuguezes descobriram mais terras do que colonizaram. Mas, como o Dr. Castro affirmara que nunca colonizamos, parece que o *Independente* antes quis corrigir o erro do orador, do que responder ao nosso leitor (com quem está de accordo). E que não sabe qual é a sua direita, nem qual a esquerda: mas nem por isso tem vergonha de se apresentar com fumos de quem sabe alguma coisa.

Não passamos deste capitulo, sem advertir ao collega que deve procurar outro mestre de portuguez: o que lhe emendou desta feita o artigo, deixou passar muita tolice. Agora é o gallicismo «descoberta», em vez do vocabulo portuguez «descobrimento».

6.º—Dissera o Dr. Augusto de Castro: «*Donde vem a Fé que tanto sublimou essa patria?—Do Sonho sem duvida... Fomos grandes enquanto podemos alimentar e embalar esse Sonho... O Sonho antigo parece extinto... Embora! Atraz dum Sonho outro Sonho.*» Daqui inferiu o nosso leitor mui logicamente que, para Portugal ser grande, é preciso que os portuguezes se ponham a dormir.

E para se mostrar que aquellas palavras são verdadeiras sandices, de que aliás o *Independente* gostou, não era preciso fazer grandes reflexões: bastava apresentá-las aos leitores. Mas, como o *Independente* pertence ao numero daquelles de quem se costuma dizer que «todo o mundo é seu», saí-nos com a seguinte explicação: «A Fé de (?) que S. Ex.ª fallou, é a Fé no Futuro, a Fé nas proprias forças, a Fé nas proprias acções.»

«O Sonho é o Ideal e o Ideal é um limite para o qual tendemos e que nunca alcançamos.» Mas que juizo do juizo dos leitores tem esta gente?

«(Foi) a Fé sobrenatural, disse o nosso leitor, a Fé dos nossos maiores a que lhes inspirou as grandes empresas, com que Portugal se sublimou.» Vejam agora o zelo pharisaico do *Independente* a respeito da Religião: «A Fé catholica, por sua honra o dizemos (são palavras d'elle), nunca podia inspirar a serie ininterrupta de crueldades, de roubos, de assassinatos, que todos sabem constituir a historia do nosso dominio na Africa e na Asia.» Pondo de parte as taes habilidades dos assassinos (as quaes, a ser verdadeira a affirmação do *Independente*, são mais credoras de admiração do que as do nosso collega), estranhámos que o cyreneu tenha por grandes empresas as crueldades, os roubos, etc.; e advertimos que a insinuação de que semelhante inconveniencia partisse do nosso leitor é uma calumnia sem nenhum fundamento.

### III

Chegado a este ponto, lança o cyreneu a vista ao caminho andado e exclama triumphante: «Temos assim respondido ao primeiro ataque». Em seguida diz duas baboseiras, escreve dois gallicismos, e repete (elle, que diz que «um dos maus seiros do *Jornal de Guimarães* é repetir-se):

«O que são e o que valem a gravez dos erros censurados, a multidão dos que ficaram sem censura, a ousadia do insulto que se veio arremessar impudentemente ás crencas religiosas desta cidade, fica demonstrado já». Passam-se quatro linhas, e encontra-se: «Fica demonstrado que assim foi (isto é, que o *Jornal de Guimarães* se enganou em tudo quanto disse)». Passam-se mais cinco linhas e topa-se: «Estão refutados agora (os argumentos do *Jornal de Guimarães*)».

Em seguida affirma o collega, a proposito dumas palavras nossas relativas a elle, que «um jornal legalmente habilitado» não póde sair traiçoeiramente a ninguem, como um *pamphleto*. E mal acaba de escrever este anglicismo, diz: «Se quer dizer que não atacamos a questão na essencia (no fundo iamós escrever se não fôra o olho vigilante do almotacé da nossa linguagem) está já respondido...» Este parentese, que tem todo o jeito de ser obfa de ignorante emendador, tem sua graça, posto num artigo em que ha dezenas e dezenas de tolices de linguagem. Mostra todavia que o cyreneu e o seu monitor esgottaram a sua sciencia nesta gloriosa producção.

Depois o *Independente* affirma mentirosamente e sem provas que não insultou a classe ecclesiastica, quando lhe chamou «gentinha caróla», quando appellou para «o sebo das suas batinas», quando disse que alguns «ecclesiasticos respeitabilissimos» perfilharam as heresias da conferencia, etc., etc.

No paragrapho immediato cita um grande trecho das Constituições do Bispado do Porto, e escreve: «suppozemos que o *Jornal de Guimarães* tão religioso e respeitador não permitiria um desacato a esta prohibição». Tornamos a dizer: a ignorancia é muito atrevida! Se as Constituições do bispado do Porto valem no arcebisado de Braga, por que é que os bachareis do *Independente* não hão de dar os conselhos aos seus clientes, segundo a legislação turca ou chinês? Desgraçado de quem cá nas mãos de taes advogados!

«Rogamos-lhe nos desculpe, diz o *Independente* algumas linhas abaixo, por involuntariamente o havermos calumniado.» Que o *Independente* calumnia por querer, já nós temos demonstrado: mas que até calumnia sem querer, é preciso que elle o diga para nós nos atrevermos a repetilo! Tanto póde a força do habito! Mas quem ha de acreditar numa gente assim, que calumnia a todos os instantes?

Após isto, o *Independente*, não satisfeito com as repetidas affirmações do seu triumpho, que acima ficam notadas, torna a vacca fria: «Está dissecada a verrina miseravel»; e algumas linhas abaixo: «Vimos apenas um simulacro (de demonstração) que desfizemos em pó».

Chama o *Independente* «deploravel confusão» ao facto de dizermos que não lemos a conferencia senão muito depois de publicada, e ao mesmo tempo attribuirmos a *má fé* a affirmação de que o nosso leitor gastou «mez e meio e alguns dias» para fazer a critica. Havê-la-hia, se a *má fé* do nosso collega nos não attribuisse, apesar da nossa declaração contraria e das differenças

de estylo, a famosa critica, obri-gando-nos ou a invocar o testemunho do nosso leitor, que tal não queria, ou a aceitar a paternidade daquella critica, que aliás perfilhávamos. Se o *Independente* se escapa á accusação de *má fé*, que neste ponto fizemos, diganos por onde.

Tendo nós dito que o querer o *Independente* marcar-nos os prazos, em que deviamos fallar das coisas, era prova de *insoffrido orgulho*, vem elle dizer que o orgulho estava em nós, por lhe não reconhecermos a auctoridade! Isto é que é modestia e... juizo! E são sujeitos assim os que se arrogam a missão de doutrinar o mundo!

Estranha o *Independente* que, tendo nós prometido contar aos leitores a curiosissima historia dos motivos que levaram o nosso collega a um zelo tão furioso e desatinado pela gloria do Dr. Augusto de Castro e pela intangibilidade da sua conferencia, lha não contassemos, quando fomos segunda vez chamados a campo. Aqui merece o *Independente* e os nossos leitores uma explicação. E' certo que mudamos de resolução, porque com o andar dos dias reconhecemos que da projectada historia podia resultar desgosto para pessoas que o não mereciam. Cremos que esta resolução não deshonra ninguem.

Cabe aqui responder a outro reparo do *Independente*. Tendo nós declarado que davamos por concluida a questão, se não surgisse alguma coisa inesperada, voltamos a ella logo no numero seguinte, sem que a tal coisa (diz o *Independente*) tivesse surgido. Mas diga-nos o collega: então não era novidade a promessa duma longa resposta, da qual já todos tinhamos desesperado?

Confessa o *Independente* que «ficam de pé os erros de grammatica e de revisão». Mas nós neste ponto temos de corrigir a basofia do collega: «Não só ficam de pé os erros de grammatica e todos os mais commettidos até aqui, mas ainda uma fresca pleiade duns e doutros, que de novo se ergueram».

Agora não nos leve a mal o *Independente* que lhe applicemos as palavras com que, enlevado em estúpido orgulho de falsissima victoria, julgou entoar o «*De profundis*» sobre a derrota do adversario: «Sempre foi bom, diz elle, não cantar victoria antes do tempo para não succeder desillusão. Antigamente os triumphadores levavam a seu lado, para que se não orgulhassem, um pregoeiro clamando: — Lembra-te que és homem! (Esta palavra não sabemos se o pregoeiro a poderia dirigir ao nosso collega). Bem se vê que o *Independente* (elle escreveu «o *Jornal*») não triumphou; aliás teria ouvido a voz da modestia».

«*Ne sutor ultra crepidam!*» O *Independente* applica-nos estas palavras em sentido figurado e com restricções. Mas tenha paciencia: nós, pelos motivos que muito de leve ficam apontados, não podemos deixar de as applicar, sem restricções nenhuma e no sentido rigorosissimo litteral, aos do *Independente* e ao seu canonico-grammatico-monitor. E se o nosso collega póde concluir por dizer que déra ás coisas o seu nome (no que aliás faltou á verdade), nós, para não enganarmos ninguem, declaramos que não podámos fazer o mesmo, por ser incompativel com a nossa dignidade e com o respeito que devemos aos nossos leitores.